

# SALA DE RECUPERAÇÃO DA BELEZA: SENTIDOS SOBRE O BELO EM UM CORPO DE TRANSIÇÃO

---

**Andressa Almeida Federizzi\***

**Resumo:** A pesquisa apresentada, sob os conceitos da Análise de Discurso francesa, buscou compreender os processos discursivos que circundam o corpo belo feminino sul-coreano, modificado via intervenção cirúrgica. Por meio da análise das fotografias do projeto *Sala de Recuperação da Beleza* (2014) e sequências discursivas sobre o projeto e cirurgia plástica na Coreia do Sul, pode-se afirmar que o corpo da fotografia reproduz formações discursivas, formações imaginárias e, principalmente, formações ideológicas em que a beleza feminina, a cirurgia plástica e o consumo estão relacionados.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Corpo de transição. Beleza.

## INTRODUÇÃO

■ **A** origem da cirurgia plástica, prática do *body modification*<sup>1</sup>, mais aceita iniciou-se na Índia, onde eram realizadas cirurgias de reconstrução nasal em mulheres adúlteras que “tinham seus narizes amputados como uma forma de castigo” (NOVAES, 2013, p. 136), carregando no corpo a marca de uma regulação social.

Durante a Idade Média, a prática não ganhou muito espaço devido ao pensamento hegemônico de que o corpo era feito à imagem e semelhança de Deus, por isso não deveria ser alterado (NOVAES, 2003). Porém, no decorrer da história, com a ideia de livre-arbítrio, da sociedade democrática e as grandes guerras do século XX, a intervenção cirúrgica foi aperfeiçoada como técnica fundamental no tratamento dos mutilados de guerra (NOVAES, 2003):

---

\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, PR, Brasil. E-mail: profandressadb@gmail.com

1 *Body modification* pertence à prática de modificação corporal estética (irreversível ou não) que envolve a construção corporal por meio da prática de exercícios físicos, dietas, ingestão de medicamentos que auxiliam na performance corpórea, ou, ainda, cirurgias plásticas, tatuagens e aplicação de *piercings*.

*Pregas, bochechas, arestas do nariz, queixos duplos, seios ou até abdomens podem ser submetidos ao escalpelo. A técnica se aperfeiçoa: dissimulação de cicatrizes, domínio da anestesia local, suturas das pequenas hastes da fibra (VIGARELLO, 2006, p. 169).*

Foi a partir desse momento que ganhou *status* como especialidade médica e força como instrumento de transformação estética, aguçando a beleza que se constrói com técnica e materiais, um olhar mecanicista sob a perspectiva técnico-científica amparada pela lógica do mercado que

*[...] reproduz valores oriundos do discurso médico hegemônico, reafirmando a obsolescência do corpo e a necessidade de aprimorá-lo, modernizá-lo, adequá-lo às novas exigências (ROMÃO FERREIRA, 2006, p. 138).*

A partir desse contexto, surgiu o interesse em refletir acerca do projeto fotográfico sob o viés da Análise do Discurso de orientação francesa, delimitando como tema a beleza feminina por meio de uma modificação corporal cirúrgica, ou seja, a submissão a uma cirurgia estética em busca de satisfação, simbolizando uma parte do processo de resolução de um incômodo em relação ao corpo e que, talvez, seja o combustível que move o sujeito inconsciente, desejante e atravessado pela ideologia de realizar um procedimento cirúrgico estético, almejando uma modificação específica que trará “completude” ao sujeito.

Sendo a beleza um atributo necessário para a inserção e aceite da mulher na sociedade, ela encontra nos avanços tecnológicos a possibilidade de alcançar esse padrão. Na contemporaneidade, o desejo é, de certa forma, imposto ao sujeito pelo modo com que está inserido em sociedade; no que tange ao tema deste trabalho, o desejo por um corpo idealizado, que é o corpo do consumo, desejando sempre mais. Conforme apresenta Novaes (2013), a beleza passa a ser uma necessidade, não uma beleza qualquer, mas a beleza construída de acordo com os padrões determinados pelo mercado que definem o perfeito.

Nesse sentido, não seria possível falar sobre a beleza sem abordar o que se entende como belo na contemporaneidade, visto que algo é considerado belo com base em uma referência, em que circulam elementos sociais, históricos e, como apresenta a teoria utilizada neste trabalho, também ideológicos. Vale compreender como esses padrões e sentidos da beleza feminina foram se constituindo através da história, especificamente os sentidos sobre a intervenção cirúrgica em busca de um ideal de beleza determinado. Enfatiza-se o discurso da mídia na idealização do corpo feminino, que é apresentado cotidianamente, reforçando a necessidade de atender ao lugar que este corpo deve ocupar sob os valores contemporâneos. Portanto, os elementos que constituem o padrão de beleza feminino também o reforçam.

Com base no exposto, o objetivo deste artigo é analisar os sentidos produzidos sobre o corpo feminino modificado por cirurgia plástica estética, com base nas fotografias do projeto *Sala de Recuperação da Beleza (Beauty Recovery Room)*, de Ji Yeo, publicado em 2014 pela revista *Marie Claire* e em sequências discursivas (doravante SD) de O Globo.com, Hypheness, revista *Marie Claire* e Portal BBC Brasil sobre o projeto, cirurgia plástica e o mercado da beleza sul-coreana. O recorte temporal adotado para as SDs é de 2013 a 2017, com o critério de materialidades que abordam o projeto fotográfico e a cirurgia plástica na Coreia do Sul, em virtude do número de procedimentos realizados por pessoa.

No que tange às fotografias, pode-se de antemão afirmar que a maioria das sul-coreanas do projeto realizou mais de um procedimento em uma única vez. A seleção se deu com o objetivo de evidenciar os discursos materializados em um corpo que transita por uma etapa dolorida, porém necessária, em busca de algo que satisfaça o sujeito alcançando o resultado esperado: o belo.

Eis um corpo em alteração, em melhoria, em busca de algo que o satisfaça esteticamente: um *corpo em transição*. Parte de um incômodo e de um desejo, ele chega ao pós-cirúrgico (feio, doloroso, sofrido) e alcança um objetivo. Então, vale refletir sobre a origem desse desejo, quais são os discursos que atravessam o sujeito, que sentidos circulam em torno do discurso do belo, do padrão, do corpo idealizado, e, principalmente, do corpo modificado.

Nesse sentido, a teoria nos permite investigar quais condições de produção (doravante CPs) e a formação discursiva (doravante FD) que marcam os discursos produzidos sobre o procedimento cirúrgico estético e como os discursos se materializam no corpo das mulheres que se submetem à cirurgia plástica. Afinal, não são os fatos puramente linguísticos que permitirão compreender o funcionamento discursivo do *corpus* que se propõe a analisar, mas os mecanismos históricos e ideológicos que levam à produção dos efeitos de sentidos sobre o corpo como materialidade discursiva.

## **CORPO COMO MATERIALIDADE DISCURSIVA**

O discurso pode ser entendido como o objeto que materializa a ideologia por meio da língua, pelo funcionamento da linguagem (sujeito inconsciente que diz algo, interpelado pela ideologia, inserido na história e na sociedade). Na aparente transparência da língua, produzida pelo atravessamento do ideológico, ocorre a produção de um efeito de sentido para o sujeito:

*O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas* (PÊCHEUX, 2014, p. 146).

Para que possa ser possível identificar a produção do sentido, a análise dos elementos que circundam o discurso toma como ponto de partida questionamentos como: 1. “Por que foi dito isso e não outra coisa?” e 2. “O que tornou possível dizer isso?” (SOUZA, 2004). Deve-se, pois, compreender o contexto, as CPs, a história e a memória e investigar a sua construção.

Este é um ponto de destaque neste estudo. Ao ser observada uma SD de uma jovem que se submeteu à cirurgia plástica ou ao analisar uma imagem do projeto fotográfico que aborda um corpo em recuperação pela beleza, é necessário levar em consideração todos os fatores que estão em torno da produção de um sentido para que seja possível compreender o seu funcionamento discursivo.

O sentido é construído, então, quando assume uma posição ideológica no interior de uma FD. Ou seja, o atravessamento ideológico mascara seus efeitos sob a FD com que o sujeito se identifica, dando a ilusão de que o discurso tem origem naquele que o enuncia, e que apenas um sentido é possível.

Como já afirmado, se os sentidos são produzidos por sujeitos históricos e sociais, o significado ou efeito de sentido sobre a beleza do corpo feminino pode

ser visto sempre como provisório, visto que o sentido não é único. Cada época cria e cultua suas normas e interditos:

*A maneira como damos sentido ao corpo hoje implica a memória que temos desse corpo, que infinitas vezes foi dito, redito e desdito; implica o circunstancial em que esse corpo está inserido; implica o social e a maneira como hoje a mídia visibiliza esse corpo, tomando-o como um 'artefato' do mercado econômico/social/cultural (SOUZA, 2004, p. 18).*

Essa memória, que é discursiva e não apenas uma lembrança, é um sentido produzido antes, em outro contexto, que retorna em um “novo” discurso com outro contexto. No tema deste estudo, pode-se resumir que o discurso produzido sobre como o corpo feminino deve ser sofreu alterações. É possível apreender que, através dos anos, os sentidos sobre a beleza feminina foram materializados nas ações, nas atitudes, no comportamento, nos adereços, nas roupas, nos tratamentos estéticos, principalmente por interferência da formação ideológica (doravante FI) imbricada nas FDs ao longo das décadas, no entanto, retornando ao discurso central de que a mulher deve ser bela.

Essas evidências estão presentes nos mais variados discursos, principalmente no da mídia, visto que, enquanto aparelho ideológico, promove a circulação de discursos e ideologias entre os sujeitos (GRZESZESZYN, 2012). A mídia desempenha, nesse sentido, papel fundamental na produção e circulação de efeitos de sentido sobre consumo, valores sociais, culturais e padrões de beleza a serem seguidos pela sociedade (GRZESZESZYN, 2012).

Sendo assim, partindo da defesa de que, para a AD, inconsciente e ideologia estão materialmente ligados e que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, produzindo sentidos por meio das CPs do discurso, não se pode pensar o corpo deslocado desses princípios: “Afim, o corpo é tanto uma linguagem, como uma forma de subjetivação e, por isso mesmo, tem relação estreita com o discurso” (FERREIRA, 2013, p. 77).

Enquanto corpo simbólico, ele é produzido por um processo de significação em que a ideologia opera. Esse corpo simbólico é entendido aqui como o corpo de um sujeito inconsciente e afetado pela ideologia e CPs (ORLANDI, 2012):

*O corpo é materialidade significante. Isso nos permite dizer que, se a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, o corpo também é a materialidade específica de um discurso, ou seja, tal qual a língua, ele significa em uma dada formação social. Nessa perspectiva, o corpo fala: é através dos significantes que compõem o discurso do corpo que percebemos as formações discursivas às quais um sujeito se filia (CASSANA, 2016, p. 89).*

Desse modo, pode-se afirmar, de acordo com Orlandi (2012), que o fator social é constitutivo do processo de significação e não apenas exterior; é uma forma histórica e social interferindo no corpo. Portanto, o corpo é também interpelado, significa e é materialidade discursiva do sujeito, estando afetado pela ideologia, pelo silenciamento, pelo chiste, pela falha e pelo funcionamento da língua.

O corpo não está isento de determinação histórica, nem de interpelação ideológica a que o sujeito é submetido; por isso pode ser tão afetado quanto é na sociedade de consumo em que está inserido. Por isso, é possível, em AD, pensar no discurso do corpo ou em sua materialidade (ORLANDI, 2012), deslocado para o lugar da opacidade, sendo forma material e produzindo sentidos.

Ele não é algo dado *a priori*, universal, como também a língua não o é. O corpo é mutável, suscetível de inúmeras intervenções científicas, tecnológicas, culturais, históricas, morais, sociais que (re)produzem discursos e imaginários. São representações inconstantes “e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (GOELLNER, 2003, p. 23).

Assim, é possível analisar o corpo da cirurgia plástica como um corpo em transição, que é mutável a partir de um desejo (construído ideologicamente) de estar de acordo com uma padronização cultural, midiática e ideológica, e, por outro lado, satisfeito em sentir-se bem, habitando este corpo modificado e ajustado ao contexto social em que se insere.

O corpo é também construído pela linguagem, portanto, atravessado por discursos que o determinam, enunciam e produzem sentidos: “A linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades” (GOELLNER, 2003, p. 2), inclusive determinar o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável e o que não é, como na SD1:

*SD1: Lee-Kyung Mi, de 28 anos, fez a primeira cirurgia há um ano, para fazer a dobrinha do olho. Há algumas semanas, fez o implante de nariz. “Eu me olhava no espelho e não ficava satisfeita”, disse ela, “agora tenho mais confiança no trabalho e para encontrar pessoas. Até consegui achar um namorado” (KOVALICK, 2012).*

O discurso da mulher que fala na SD1 está colocado de acordo com o imaginário e alinhado às práticas institucionais que regulam o corpo na Coreia do Sul, expondo como “*não ficava satisfeita*” com sua aparência diante de um imaginário construído sobre o que é ser bela. Vale lembrar que a beleza é também uma construção social e realizar cirurgia plástica nas CPs apresentadas é estar inserido em uma FD majoritária que silencia outros sentidos possíveis sobre o corpo, em que são empregados vários outros dizeres que legitimam os discursos sobre beleza, cirurgia plástica e perfeição estética como verdade, necessidade e alcançável a qualquer indivíduo, basta querer.

Ao afirmar que “*até consegui achar um namorado*”, supõe que as relações afetivas são afetadas pela beleza proporcionada pós-cirurgia plástica, em que o fato de ser “feia” a impedia de namorar, mas após a cirurgia *até* isso melhorou. Agora satisfeita, mais confiante e bela, pôde usufruir da sua feminilidade para encontrar um companheiro. Supõe também que, antes da cirurgia, a mulher tinha medo de sair de casa e encontrar pessoas, retomando a reflexão já feita no decorrer deste artigo: o julgamento que o sujeito faz de sua imagem corporal pelo olhar do outro.

Além disso, as “imperfeições” e “falhas” também são determinadas pela FD e pela ideologia – olhar-se no espelho e encontrar algo que não agrada parte das imagens e discursos já ditos sobre qual o tamanho ideal para a cintura, para o nariz, para os lábios, para o peito etc., ou seja, uma insatisfação construída.

Assim, ao afirmar na SD1 que “*agora tenho mais confiança no trabalho e para encontrar pessoas*”, a mulher não percebe o atravessamento ideológico que lhe é constitutivo e a FD determinando que, ao atender ao padrão via cirurgia plástica, ela estará consumindo, mantendo o sistema e, conseqüentemente, “apta” a socializar nesta sociedade, conferindo-lhe prazer e poder: poder ser outra pessoa<sup>2</sup>

2 Ser outra pessoa no sentido de tornar sua aparência melhor, diferente e, portanto, sentir-se feliz, bela, satisfeita e completa. No entanto, tornar-se diferente, na verdade, é tornar-se igual, igual ao padrão, igual a outras imagens corporais que sustentam o padrão.

após a cirurgia, poder consumir o corpo (porque tem as condições: dinheiro, força de vontade, recursos médicos e cosméticos), poder atender o que se espera da mulher na Coreia do Sul e poder “recuperar” beleza, autoestima e completude, que estavam “escondidas” atrás da “feitura” do corpo.

### *Corpo de transição*

Com o objetivo de desnaturalizar o que parece óbvio no *corpus*, levando em consideração o lugar ocupado pelo analista (inserido em uma FD, interpreta o que lhe é possível a partir desse lugar), esta análise parte de três proposições: 1. Considerar o corpo como um lugar de identificação do sujeito, sendo possível por meio do corpo obter reconhecimento, ascensão social, poder, visibilidade e uma forma identitária; 2. Considerar o corpo como um produto a ser consumido, ao qual é atribuído um valor de mercado e exposto em uma vitrine social; 3. Ver o corpo como um local de inscrição da interpelação ideológica, visto que sujeito e corpo estão unidos. Assim, propõe-se a reflexão acerca do título deste artigo: *Sala de Recuperação da Beleza: sentidos sobre o belo em um corpo de transição*.

Que corpo é este que transita e por onde transita? Que beleza é esta que pode ser recuperada? Já houve um corpo belo e foi perdido?

Transitar implica uma mudança, passar em trânsito, mudar de estado, forma de ser ou de estar. Sofrer transição é um processo com certa extensão de tempo. Diante disso, este *corpus* corresponde a um corpo feminino que transita entre o corpo que se tem e o imaginário de um corpo belo, construído com base em qualitativos estéticos sociais, ideológicos, históricos e morais.

É um corpo que parte de uma forma de ser, ou melhor, da forma como o sujeito vê seu corpo diante da sua subjetividade e de como se vê diante do olhar do outro, dos variados estereótipos postulados, e que transita entre a identificação e o desejo (construído) de modificar algo para ficar semelhante à imagem corporal ideal e ilusória, estabelecida social e culturalmente.

Pela ilusão de controle sobre seu corpo, o sujeito se vê inserido em uma FD que afirma que o corpo ideal é possível, basta querer. Portanto, a *Sala de Recuperação da Beleza* pode representar o que se vê em muitos discursos nas revistas femininas: *recuperar* a beleza que existe dentro da mulher, na sua essência e que, em razão de não possuir o corpo idealizado, não é possível visualizar. Assim, sob as CPs deste *corpus*, tem-se para a busca da beleza o sentido de uma conquista pessoal, uma obrigação moral e ética perante o outro e a si mesmo, o que é naturalizado como se o sentido só pudesse ser este e não outro(s); e, para atingir tais objetivos, o corpo passa por um incessante processo de transformação.

De acordo com Giorgenon, Sousa e Pacífico (2014, p. 85), “na contemporaneidade as imagens têm desempenhado um forte impacto nas formações discursivas/ideológicas/imaginárias que atravessam a voz dos sujeitos”, e tanto contribuem, que algumas pessoas têm, no corpo das modelos, astros da música e do cinema, inspiração para as suas mudanças corporais:

*SD2: “Fiquei realmente paralisada quando a vi pela primeira vez numa revista. Ela tem um rosto de bebê, mas é muito sexy” (ZAHIR, 2013).*

O depoimento da jovem sul-coreana que se submeteu a inúmeras cirurgias plásticas para se parecer com a modelo que viu na revista reforça o poder ideológico exercido pela mídia na formação imaginária do corpo belo feminino. O corpo de outra mulher pode “revelar” o que o sujeito acha que falta em sua

própria imagem, dando suporte a uma identificação imaginária de que a mulher da revista sabe como é ser bela, possui competência, habilidades e o segredo da feminilidade idealizada, associado à noção de sucesso, de liberdade, de bem-estar e de felicidade que vem com o corpo “belo”.

Diante das “verdades” produzidas e difundidas pela mídia sobre o “corpo ideal” e sobre o valor social que ele adquire, não parece haver alternativa ao sujeito contemporâneo senão se relacionar com as imagens das mídias e os discursos que as sustentam, pois, “nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo” (SANTAELLA, 2004, p. 125), aquele objetivado e modelizado como ideal.

Nesse sentido, a mídia contribui para tornar visíveis símbolos de beleza ligados à magreza, juventude e perfeição das formas, e faz circular discursos de que é possível driblar a “feitura” e a velhice pelo investimento no corpo. Rodeadas pelo discurso midiático sobre o corpo na Coreia do Sul, as mulheres são chamadas à interpretação e à identificação com o imaginário construído. Ao folhear uma revista ou navegar por uma página sobre moda, beleza e saúde, deparamos com imagens bem produzidas em que modelos posam sorridentes, com corpos esculpidos e vestindo as últimas tendências da moda.

Nas revistas femininas voltadas para o culto ao corpo, as imagens são um importante recurso para a representação do ideal de mulher bonita, “sarada”, bem-sucedida e feliz. Em geral, a publicidade faz uso dessas fotografias para levar o espectador a consumir, além de propagar modelos de identificação dos sujeitos, causando-lhes efeito de verdade, sem deter sobre a imagem um olhar mais reflexivo.

Rompendo com essa “linearidade” nas produções fotográficas, a Figura 1 traz à mostra um corpo feminino seminu distante do frequentemente associado à concepção de beleza que se vê na mídia e, principalmente, nos comerciais de cirurgia plástica; é um seminu que desorganiza os sentidos que se produziu sobre a beleza feminina. Uma fotografia importante, tanto pelo modo como foi produzida quanto pelos significados e valores que transmite.

**Figura 1** – Corpo feminino seminu



Fonte: Yeo (2014).

No caso da Figura 1, o horror é pela objetificação do corpo, por sua associação ao que foge ao imaginário construído socialmente. Há um deslizamento de sentido para uma parte “humana” da busca pela beleza. Uma parte real, aquela não evidenciada no processo de obter os resultados idealizados antes da intervenção cirúrgica: “Existe uma banalização da cirurgia plástica, como se esta não comportasse nenhum risco e não se tratasse de uma intervenção que demanda muitos cuidados” (NOVAES, 2013, p. 221).

Produz-se outro lugar para significar a beleza e também outro lugar de identificação para o sujeito que a observa, uma imagem que marca a falha dos processos discursivos e evidencia o movimento possível dos sentidos que a AD aborda.

Se a foto “se solta à deriva num passado flexível e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura (ou de associação a outras fotos)” (SONTAG, 2004, p. 86), pode-se afirmar que, como produto social em interação com a linguagem, este corpo seminu, da fotografia, é a marca do social, do ideológico, do histórico e do discursivo, produzindo cicatrizes e textualizando o corpo feminino.

Por coincidência ou “intenção” da fotógrafa, a sombra da jovem que se projeta na parede possui contornos mais finos do que a personagem fotografada. Uma silhueta magra, aquela verbalizada no consultório médico antes da cirurgia e também presente na mídia como ideal, associada com saúde e beleza, é a silhueta oferecida como o objetivo a ser alcançado, estética e eticamente na Coreia do Sul.

Ser magra significa ser bela, sensual, saudável, estar na moda, ter sucesso pessoal e profissional, *status* e estar inserida socialmente. A preocupação não é somente então com o peso em si, mas também com toda a rede de significações que há: o fracasso pessoal e moral em não ser capaz de autogerir-se e controlar-se para alcançar o corpo que deseja, tendo como consequência a vergonha, a culpa, o descontrole e o isolamento dos demais.

*SD3: A cirurgia para elas é algo casual, que lhes proporciona prazer e satisfação. Durante as sessões de foto, mesmo quando estavam com dores extremas, pude sentir a excitação e emoção de terem as expectativas realizadas (ZAHIR, 2013, grifo nosso).*

A *excitação* e a *emoção* que a fotógrafa percebeu nas mulheres durante o processo cirúrgico na SD3 marcam o efeito de evidência da “naturalização” com que a cirurgia é abordada na Coreia do Sul, advinda do assujeitamento ideológico e da inserção em uma FD. Como se o gozo viesse do cumprimento do padrão de beleza estipulado socialmente, as mulheres não satisfeitas com alguma parte do seu corpo e que estão determinadas a corrigi-la via cirurgia plástica sentem, após seus corpos corrigidos, uma forma de obter felicidade, poder e prazer. Mesmo que o procedimento seja doloroso, se for bem-sucedido, todo o sofrimento e insatisfação desaparecerão.

Nesse sentido, a Figura 2 complementa a reflexão.

É uma fotografia sem grandes produções e efeitos, causando a impressão de ter sido mal tirada, até desconcertante e confusa. Tem-se um corpo sem rosto, com várias partes cobertas por ataduras e hematomas, indicando várias cirurgias.

**Figura 2** – Corpo feminino após cirurgias plásticas

Fonte: Yeo (2014).

A mão na cintura é uma característica de fotografias posadas, uma marca das modelos em desfiles e revistas. No entanto, aqui não está inserida no contexto de um editorial de moda, propaganda ou capa de revista. Tem-se uma foto também em recuperação, assim como o corpo no pós-cirúrgico. É a foto de um corpo que não recebeu tratamento digital, que ainda não se encontra “pronto” para aparecer na mídia (ou sociedade), mas que, após a *recuperação*, poderá ser “naturalmente” belo, sem a necessidade de corrigir as imperfeições com efeitos de informática.

É um corpo que se espelhou em imagens da mídia para tornar-se também uma imagem corporal bem produzida, saudável, magra e, portanto, bela, como ditam os discursos médicos, estéticos e da propaganda. Nessas imagens, o corpo é relevante, funcionando como elemento de identificação para os sujeitos consumidores, e objetificado para ser consumido e reproduzido em “larga escala”, uma vez que importa mais a imagem corporal que se apresenta do que a identidade que o sujeito possui.

No recorte da fotografia, o rosto não aparece e é justamente ele que nos identifica e garante que somos cidadãos de determinada cidade, estado, país, diante do Estado, aquele impresso nos documentos pessoais associados a um nome. Diante das CPs e da FD que controla os corpos na sociedade sul-coreana, a não aparição do rosto na fotografia desloca o sentido de identidade para outro contexto: de que o que identifica os sujeitos é a imagem corporal e não o rosto.

Eis um corpo, sem rosto, que se submeteu a várias cirurgias atendendo a exigências sociais, culturais e ideológicas em que pouco importa quem o sujeito seja, mas sim como seu corpo se apresenta, dentro ou fora dos padrões. Um corpo passível de manipulação, podendo ser semelhante a qualquer imagem apresentada na mídia, seja de uma modelo, cantora famosa, atriz ou capa de revista, portanto, a identidade ou identificação se dá a partir do culto ao corpo.

Ambicionando as vantagens com o resultado da cirurgia, as mulheres escolhem entre a dor psíquica de ter o “corpo errado” e a dor física da cirurgia. Assim, pelo funcionamento da memória discursiva, o já dito sobre o corpo da cirurgia

estética permite que ideais culturais se tornem (até certo ponto) uma realidade, visto que “o modo de aparição de um corpo sempre retorna a algo anterior: retomadas de outras imagens” (SCHONS, 2015, p. 182), entrecruzando acontecimento e memória discursiva. Como já apresentado neste estudo, o corpo

*Foi discutido como o suporte biofisiológico que possibilita a existência orgânica do sujeito e que é, ao mesmo tempo, espaço de memória, espessura material cujas especificidades o definem como humano, espessura que, significada no/pelo discurso, pode determinar lugares de fala, posições discursivas e sobre determinar o dizer* (HASHIGUTI, 2012, p. 99).

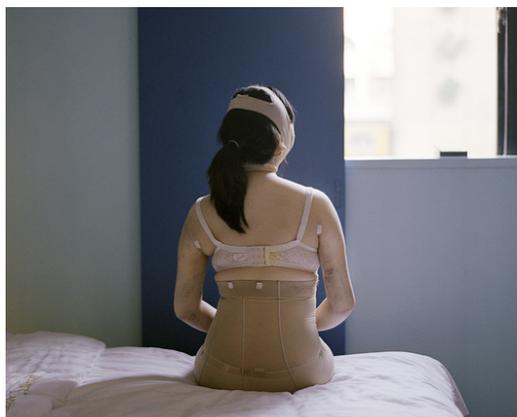
As cores, traços, formas e gestos corporais são constituídos por memória (genética e/ou discursiva) e significados no discurso a partir de dadas CPs. O corpo é ao mesmo tempo o suporte orgânico do sujeito e seu espaço de significação (HASHIGUTI, 2012). Nesse sentido, o corpo em recuperação das fotografias aparece como materialidade discursiva em que é possível observar a interpelação dos discursos sobre como deve ser o corpo feminino na Coreia do Sul. E, sendo a fotografia uma materialidade, possibilitou o retorno, no fio discursivo, de valores que a mulher sul-coreana acredita serem adequados no trato com seu corpo.

Pela fotografia, há a “cristalização” desses efeitos de sentido afetando o sujeito sob o atravessamento de FI e FD,

*[...] condições exteriores à materialidade e ao sujeito, mas determinantes do sentido – da relação com a memória discursiva – memória de língua(gem) que o constitui e possibilita historicamente os sentidos* (HASHIGUTI, 2012, p. 99).

Retomando a análise de *Sala de Recuperação da Beleza*, nota-se, pelos curativos, que as personagens não realizaram apenas uma cirurgia plástica; não é um simples retoque, alterar algum ponto específico que não agrada; em vez disso, há uma repaginação total, alterando parte por parte do que está em desacordo com o ideal imaginado pelo sujeito, conforme a Figura 3.

**Figura 3** – Corpo feminino após cirurgias plásticas



Fonte: Yeo (2014).

Parte de seu corpo está envolto por ataduras, como nas demais fotografias. Na cabeça, faixas que mantêm a mandíbula com poucos movimentos; na cintura,

uma cinta característica de recuperação cirúrgica; os braços são marcados por hematomas oriundos de lipoaspiração e o sutiã, mais largo e confortável, indica a inserção de prótese de silicone.

As várias cirurgias se apresentam como uma das questões da subjetividade feminina que implicam o culto ao corpo e à aparência. Elas podem simbolizar a “armadilha” do projeto de aperfeiçoamento do corpo e de satisfazer o *objeto a*, visto que, na transitoriedade dos corpos, há uma contradição em melhorar a aparência para tornar-se diferente do que é, quando, na verdade, é tornar-se igual ao padrão estabelecido.

Moldados e ajustados no centro cirúrgico, reproduzem-se corpos semelhantes, como se fossem produzidos em série (assim como nas indústrias), em que um dos padrões de qualidade é a uniformidade dos produtos. E, porque são tomados como parâmetros o corpo magro, o maxilar em forma de V, o nariz pequeno e delicado, a pálpebra dupla, o corpo feminino também apresenta uniformidade com o imaginário construído sobre o corpo belo e com os discursos que o normatizam e o classificam.

A cirurgia simboliza a sensação de liberdade, pois acena para a possibilidade de exibir o corpo, uma satisfação em adequar-se ao padrão; então, até alcançar o resultado, fica escondida, reclusa “na escuridão” na ânsia de “renascer” bela e, portanto, feliz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, com base no que apresenta Novaes (2013), pode-se afirmar que a cirurgia plástica produz sentidos relacionados à solução para problemas, no sentido de não aprender a conviver com o “defeito”, mas mudá-lo, e não se contentar com a aparência que tem, mas consumir o corpo de modo a melhorá-lo constantemente.

A sociedade de consumo fornece a ilusão de que os objetos ou serviços (estéticos) tamponariam as faltas dos sujeitos e assim o corpo se torna objeto de consumo, na contemporaneidade, *corpo de transição*, sempre em movimento, sujeito a ser construído, formatado, reparado e esculpido. Trata-se de consertar a aparência e atualizá-la constantemente, com a recusa de deixar o tempo agir sobre ela, assim como um produto não pode tornar-se obsoleto.

Ao discursivizar este corpo em *recuperação*, parte-se de CPs em que o corpo é considerado um lugar de identificação do sujeito e, após alcançar o corpo belo, é possível obter reconhecimento, ascensão social, poder e visibilidade, com o corpo de um sujeito pleno e completo, porque “saciou” o desejo (psicanalítico) com um corpo ao qual se atribui valor de mercado e exposto em uma vitrine social; com o *corpo de transição* da classificação “feio” para “belo”, afetado pela ideologia, pela mídia, pelo consumo e por vários discursos que sustentam uma FD de culto ao corpo.

Sendo assim, *corpo de transição* pode expressar dois sentidos: de um corpo que transita de uma forma para outra, para recuperar uma beleza que supostamente já existiu, como também de um corpo que é de transição, portanto, em constante movimento.

As fotografias materializam um corpo feminino que pode ser melhorado fazendo uso das práticas e técnicas que o mercado oferece. O que existe de comum

nelas é o fato de trazerem no corpo as marcas da cultura do consumo e da valorização do belo na sociedade sul-coreana, em que é necessário melhorá-lo para encontrar a beleza “real” como se fosse intrínseca ao sujeito, mas que estava “perdida”, visto que o corpo não estava de acordo com a categoria (social e ideologicamente construída) “belo” antes da cirurgia.

#### **BEAUTY RECOVERY ROOM: SENSES ON THE BEAUTIFUL IN A TRANSITIONAL BODY**

**Abstract:** The current research, as presented by the French Discourse Analyses, sought to understand the discursive processes that surround the beautiful female body of South Korea, modified through surgical intervention. Through the analysis of the photographs of the project Beauty Recovery Room (2014), and discursive sequences about plastic surgery in South Korea, it can be affirmed that the body of the photograph reproduces Discursive Formations, Imaginary Formations and Ideological formations in which female beauty, plastic surgery and consumption are related.

**Keywords:** French Discourse Analysis. Transition Body. Beauty.

#### **REFERÊNCIAS**

- CASSANA, M. F. *Corpos impossíveis: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual*. 2016. Tese (Doutorado)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- FERREIRA, M. C. L. O corpo como materialidade discursiva. *Vitória da Conquista*, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.
- GIORGENON, D.; SOUSA, L. M. A.; PACÍFICO, S. M. R. Sujeito, corpo e um espelho (cibernético): a memória em imagem e em discurso. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 81-97, 2014.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GRZESZEZESZYN, C. A. *Identidades sociais em re-vistas: os “sujeitos” homens e mulheres sob o olhar do discurso publicitário*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.
- HASHIGUTI, S. T. Um corpo na fotografia do jornal. *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 98-103, 2012.
- KOVALICK, R. Coreia do Sul lidera cirurgias para “ocidentalizar” traços do rosto. *Portal G1*, 1º fev. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2012/02/coreia-do-sul-lidera-cirurgias-para-ocidentalizar-tracos-do-rosto.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- NOVAES, J. de V. *O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Garamond, 2013.
- NOVAES, J. de V.; VILHENA, J. De cinderela à Moura-Torta. Sobre a relação mulher, beleza e feiura. *Interações*, São Paulo, v. 3, n. 15, p. 9-36, 2003.

- ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- ROMÃO FERREIRA, F. *Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública*. 2006. Tese (Doutorado)–Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006.
- SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SCHONS, C. R. Sociedade, corpo e relação subjetiva. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 37, n. 2, p. 181-188, abr./jun. 2015.
- “SEMPRE soube que queria ser igual a ela”, diz coreana que fez cirurgias para virar “sósia” de Miranda Kerr. *Marie Claire* on-line, 27 maio 2014. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2014/05/sempre-soube-que-queria-ser-igual-ela-diz-coreana-que-fez-cirurgias-para- virar-sosia-de-miranda-kerr.html>>. Acesso em: 5 maio 2017.
- SONTAG, S. *Sobre fotografia*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUZA, A. de F. da C. *O percurso dos sentidos sobre a beleza através dos séculos: uma análise discursiva*. 2004. Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- VIGARELLO, G. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- YEO, J. Beauty Recovery Room: senses on the beautiful in a transitional body. *Marie Claire Brazil*, 2014.
- ZAHIR, I. “Os traços asiáticos são as primeiras coisas das quais elas querem se livrar”, diz fotógrafa coreana. *Marie Claire* on-line, 4 jun. 2013. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2013/06/os-tracos-asiaticos-sao-primeiras-coisas-das-quais-elas-querem-se-livrar-diz-fotografa-coreana.html>>. Acesso em: 20 set. 2017.

Recebido em abril de 2018.

Aprovado em julho de 2018.